

Formação inventiva de professores em tempos de pandemia: o que um louco lúcido nos convida a pensar e escrever?

Inventive teacher education in times of pandemic: what does a lucid madman invite us to think and write?

Walter Omar Kohan

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

Depois de uma apresentação do momento presente e da crise do capitalismo com a atual pandemia do COVID-19, o texto busca pensar as seguintes perguntas: qual seria o papel de uma formação inventiva de professores no atual cenário de suspensão aberto pela pandemia, que nos abre a possibilidade de novas formas de vida (nas escolas e fora delas)? O que fazer, em nome de uma formação inventiva de educadores, a partir de um momento crítico como o presente? O artigo o faz a partir de uma leitura da frase “inventamos ou erramos”, de Simón Rodríguez, e da inspiração de pedagogia menina da pergunta de Paulo Freire.

Palavras-chave: pandemia; invenção; Simón Rodríguez

ABSTRACT:

After a presentation of the present moment and the crisis of capitalism with the current pandemic of the COVID-19, the text seeks to think about the following questions: what would be the role of an inventive formation of teachers in the current scenario of suspension opened by the pandemic that opens the possibility of new forms of life (inside and outside schools)? What can be done in the name of an inventive teacher education, in a critical moment like the present? The text does so inspired by the reading of the phrase “we invent or err” by Simón Rodríguez and the inspiration of Paulo Freire’s childlike pedagogy of the question.

Key-words: pandemic; invention; Simón Rodríguez

DOI: 10.12957/mnemosine.2020.52682

A escrita é o desconhecido. Antes de escrever não sabemos nada acerca do que vamos a escrever. Com toda a lucidez. É o desconhecido de nós mesmos, da nossa cabeça, do nosso corpo. Não é sequer uma reflexão, escrever é uma espécie de faculdade que temos ao lado de nossa pessoa, paralelamente a ela, de uma outra pessoa que aparece e que avança, invisível, dotada de pensamento, de cólera, e que, por vezes, pelos seus próprios factos, está em perigo de perder a vida. Se soubéssemos alguma coisa do que vamos escrever antes de o fazer, antes de escrever, nunca escreveríamos. Não valeria a pena (M. DURAS, 1994: 55).

Com essa lucidez que Marguerite Duras retrata e exhibe tão nitidamente, disponho-me a escutar essa faculdade de uma outra pessoa, em paralelo, dotada de pensamento e de cólera, em perigo de perder a vida, que avança sobre mim. Invisível, ela parece portadora de um vírus. Sim, a escrita é um vírus. Platão chama-a de *phármakon*, no *Fedro* (PLATÃO, 2009: 274): veneno e remédio ao mesmo tempo. Ela é as duas coisas. Na escrita, é a dosagem que separa a vida da morte. Espero que a escrita por vir tenha a dosagem precisa e nos dê vida antes que morte. Não posso sabê-lo antes de escrever. Se o soubesse não teria coragem, como diz Marguerite Duras, para começar a escrever. Em todo caso, eis o que me parece escutar do que essa outra pessoa me diz.

Na última aula do curso *Em Defesa da Sociedade*, no *Collège de France*, no dia 17 de março de 1976, exatamente uma semana antes do mais terrível Golpe de Estado na Argentina que semana passada fez 44 tristes anos, Michel Foucault descrevia o trânsito do poder da soberania ao biopoder como um trânsito do “fazer morrer e deixar viver” a um “fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 2006: 285 e ss.). Nessa ocasião, Foucault não falava precisamente da escrita, mas de modos de exercer o poder sobre a relação com a vida e a morte dos outros. O trânsito supõe, por um lado, uma espécie de privatização da morte; por outro, uma intervenção cada vez mais forte nas maneiras de viver, nos como efetivamente se vive, da população europeia. Segundo mostra Foucault, com a expansão do capitalismo a escala planetária, essa tecnologia de poder sobre a vida da população se expande e torna-se mais precisa: ela é, ao mesmo tempo, uma forma de vida e uma forma de intervenção sobre a vida, uma espécie de dispositivo de capitalização da vida em praticamente todos os rincões do planeta. Em certo sentido, também intervém sobre a morte, como fica evidente na atual pandemia de COVID-19, em muitos lugares do planeta; por exemplo, na Lombardia da Itália do norte: é preferível salvar os que têm mais vida capitalizável e deixar morrer os mais velhinhos, improdutivos, apenas um “custo”

para os sistemas. Nessa lógica, não falta quem pense que a pandemia é uma oportunidade de limpar o sistema de vidas improdutivo e onerosas e, assim, otimizá-lo. De fazer viver o produtivo e deixar morrer o improdutivo, mais do que nunca. Talvez isso esteja em parte na própria cabeça da política genocida pretendida para o Brasil por Bolsonaro e sua trupe, contra o isolamento social e a favor de que a economia não pare: uma “limpeza” social tida como necessária para o crescimento econômico do país.

Nessa mesma Itália do norte desenvolvida, nas condições atuais de confinamento, o que prima, diz Agamben, é a morte e a vida nuas (AGAMBEN, 2020). A morte reduzida a si mesma: a dos seres queridos sem sequer poder realizar uma despedida, um funeral ou um enterro; a pura morte, o corpo nu largado no corredor do hospital ou dentro de um ataúde nos caminhões do exército à busca do fogo que o faça ocupar o menor lugar possível. E mesmo assim deverá viajar a outra cidade porque os crematórios da própria cidade e das redondezas estão sobrecarregados, sem disponibilidade alguma. Como argumenta Agamben (2020), não só a morte, mas a vida também fica reduzida a sua forma mais nua: trata-se de preservar a vida antes de mais nada, sobreviver a qualquer preço, sacrificando tudo a não ser a própria vida - as relações sociais, a amizade, os afetos, a vida pública e comum. Tudo pode se perder, menos a própria vida. Contudo, a vida que se salva dessa forma é uma vida sem nada, confinada, dobrada até ela mesma e nada mais. Enquanto o medo não deixa pensar senão na própria sobrevivência, a vida fica nua do que lhe outorga sentido. Salvam-se, em primeiro lugar, as vidas que poderão voltar a ser produtivas, capitalizadas, aproveitadas pelo sistema, despojadas já do que as torna esta e não outra vida. São apenas vidas nuas, a-nudadas ao sistema de produção.

É verdade, o atual momento é assustador. A epidemia do covid-19 deixa mortes e mais mortes. Mas o que assusta não é só o vírus; também os efeitos da bio-política sobre os modos de vida que estão sendo, ainda mais, afetados e confinados, mesmo aqueles não afetados diretamente pelo vírus. O que mais assusta é a perspectiva de que tudo no combate ao vírus é feito em nome do ‘retorno ao normal’ e que o separador de águas entre as formas pelas quais os governos respondem à pandemia é justamente o caminho para voltar ao normal, seja mantendo-o a qualquer preço – como nos casos mais irresponsáveis e criminais, como Trump inicialmente e Bolsonaro obstinadamente, mas também nos casos mais sofisticados, como a Suécia – seja extremando o confinamento para um enfrentamento mais eficaz ao vírus que permita uma volta menos traumática ao normal. O Brasil é um caso especial pela idiotice e irresponsabilidade do seu presidente e do grupo

em torno dele, o que fará com que o normal leve consigo muitas vidas desprotegidas e descuidadas. A questão não é nova, é verdade, mas a brutalidade e o sarcasmo da cena atual são exageradamente patéticos e revoltantes.

O caso é que a pandemia suspendeu o normal. Em que pese os esforços dos seus representantes na cena político-institucional, o capital já não circula tão comodamente. O sistema está quase parado, pelo menos se comparado aos tempos prévios à pandemia. E se bem é verdade que mesmo com essa parada da maquinaria capitalista as condições de vida continuam iguais ou piores para uma enorme parcela da população mundial – e brasileira em particular com políticas ainda mais regressivas para que os mais pobres carreguem mais fortemente o peso da crise –, não é menos verdade que o caminho que parecia inevitável de destruição do planeta está, em parte, em suspenso. Com o vírus atingindo os humanos e seu sistema de exploração planetária, o planeta está ganhando um pouco de ar. Os céus estão mais limpos. Os animais respiram com alívio. Se isto continuar por alguns meses, até a Baía de Guanabara vai poder respirar. Mas não é só o planeta que respira: nós mesmos, seres humanos, podemos respirar outros ares. E eis que a pandemia se torna uma oportunidade para outra vida e para outro mundo, para outras formas de vida no mundo, para respirar um outro ar, diverso daquele ar contaminado que estávamos respirando.

Eis o desafio maior: a crise da pandemia abre um espaço para interromper condições de vida indignas para grande parte da população mundial e para viver outras formas de vida. Essas outras formas de vida precisam ser inventadas, pensadas e experimentadas em comum. Não estão nos esperando nem é razoável esperar dos que têm promovido a destruição do planeta que busquem algo diferente de voltar a perpetuar o antigo regime.

As instituições educativas poderiam ser um espaço propício para essa invenção, mas vale perceber que elas ocupam uma posição delicada no meio da pandemia. Nos países em que o capitalismo está mais solidamente inscrito nas instituições, o sistema não para e a vida educacional continua *on-line* em todas suas formas: aulas, bancas, formaturas, colegiados, reuniões, até comunidades de investigação filosófica. Nada pode parar. É preciso seguir o normal. De fato, as condições pioraram para os que nelas trabalham, pois a demanda de tarefas para as quais os docentes não estão preparados têm-se diversificado e intensificado. As pessoas têm até menos tempo livre que o escassíssimo tempo livre habitual. Entre nós, em países onde o sistema ainda resiste, pelo menos em parte, aos embates do capital, a situação é diversa. Para os que trabalham no sistema

privado de ensino, a situação não é muito diferente daqueles países. Diferentemente, para os que trabalham na educação pública, que ainda mantém certa autonomia em relação ao capital, o vírus tem nos entregado a oportunidade de um tempo para pensar na vida que estamos vivendo em nome da educação, dentro e fora dessas instituições.

Formação inventiva de professores em época de pandemia

Escrever é tentar saber aquilo que escreveríamos se escrevêssemos – só o sabemos depois – antes, é a interrogação mais perigosa que nos podemos fazer. Mas é também a mais corrente. O escrito chega como o vento, é nu, é tinta, é escrito, e passa como nada passa na vida, nada, a não ser ela, a vida (M. DURAS, 1994: 56)

Sim, Marguerite, tem muita razão. Não faremos a pergunta perigosa e corrente. Deixamos o vento vir e com ele a escrita em sua nudez de vida que é o contrário da vida nua. Estamos atentos ao vento que vem e, nele, encontramos o que nos chama a escrever do *dossier* “Formação inventiva de professores: ensaios microfísicos, pesquisa-intervenção e estudos foucaultianos.” da Revista *Mnemosine*: trata-se de uma oportunidade para pensar a vida educativa que estamos vivendo e a que podemos viver em nome de uma formação inventiva de professores. Em termos de uma pergunta, propomos: qual seria o papel de uma formação inventiva de professores no atual cenário de suspensão aberto pela pandemia que nos abre a possibilidade de novas formas de vida (nas escolas e fora delas)? O que fazer, em nome de uma formação inventiva de educadores, a partir de um momento crítico como o presente?

Na educação brasileira, o embate é manifesto. Por um lado, existe a cobrança do MEC para que todas as escolas continuem o normal pedagógico na forma de EAD com os argumentos de não prejudicar, atrasar ou desfavorecer os estudantes. Ao mesmo tempo, muitos estudantes e professores não têm as condições mínimas (acesso à internet, equipamentos e ambientação) para seguir sua vida educativa *online*. A pandemia tem, nesse sentido, colocado abertamente a mazela da desigualdade endêmica neste país. Finalmente, é preciso não subestimar a própria educação *online*. Não haveria condições em termos de estratégias, desenhos e artefatos curriculares, de que seria necessário dispor e que não estão ainda dados, para poder transitar por ela com certa probidade? Deve ou pode, então, a educação *online* tomar o lugar da normalidade educativa? E mesmo que ela possa provisoriamente ocupar algum lugar, pode tornar-se algo mais do que uma

estratégia contingencial, episódica, transitória? Pode a educação *on-line* vir a ser a forma normal ou normalizada da educação? Não haveria, em qualquer caso, necessidade de uma formação — inventiva! — de professores urgente, igualmente emergencial, contingencial? Parece então que uma formação inventiva de educadores se impõe como nunca antes, seja por razões emergenciais, seja para atentar às possibilidades mais transformadoras da vida que vivemos entre nós.

Essas questões são, portanto, urgentes, necessárias, imediatas. Contudo, as questões principais, pensamos, dizem respeito não tanto ao momento que estamos vivendo, mas aos momentos que ainda estão por vir, depois que passe a emergência. O próprio Agamben também o diz claramente no mesmo artigo antes citado:

Aquilo que preocupa não é tanto ou não só o presente, mas o depois. Assim como as guerras têm deixado como herança à paz uma série de tecnologias nefastas, desde arames farpados a usinas nucleares, assim também é muito provável que se buscará continuar, ainda depois da emergência sanitária, os experimentos que os governos não tinham realizado antes: que se fechem as universidades e escolas e se façam aulas on line; que paremos de uma vez por todas de nos reunir e falar por razões políticas ou culturais e somente troquemos mensagens digitais, que sempre que possível as máquinas substituam todo contato - qualquer contágio - entre os seres humanos. (AGAMBEN, 2020: s./p.)

Porque a emergência passará, em algum momento, e haverá que voltar... Voltar? Eis a pergunta que não quer calar: voltar aonde? Voltar como? Voltar para quê? Será mesmo que é preciso voltar ou inventar um novo caminho e um novo lugar? Voltar ou errar em direção a um lugar ainda não habitado? Eis algumas das perguntas que, espero, este texto nos ajude a pensar. E a viver. É preciso, claro, tomar um respiro para continuar escrevendo. É preciso mudar de posição, ler de novo Marguerite Duras e se dispor, novamente, a escutar, para poder reiniciar a escrita.

Uma busca no tempo por sentidos para a invenção

Podemos falar de uma doença do escrito. O que aqui tento dizer não é simples, mas creio que podemos reconhecer-nos nisso, camaradas de todos os países. Há uma loucura da escrita que existe por si própria, uma loucura de escrever furiosa, mas não é por isso que se está no seio da loucura. Pelo contrário (M. DURAS, 1994: p. 55).

Estamos atravessados por uma loucura de escrever furiosa e, ao mesmo tempo, não é por isso que estamos no seio da loucura. Estamos na loucura com toda lucidez, esperando que a escrita siga tomando conta de nós. Apenas temos feito uma pausa. Respiramos fundo, então, quando se abre uma nova seção. É para respirar, para tomar ar

entre a loucura e a lucidez ou, talvez melhor, o ar da loucura da lucidez, ou da lucidez da loucura que lemos Marguerite Duras novamente. Ela o diz muito claramente: não é simples. A lucidez nos pede para dar lugar à loucura sem deixar a lucidez. Loucura da lucidez. Lucidez da loucura. Entre uma e outra, seguimos tentando.

A escrita projeta sua loucura e lucidez sobre uma formação inventiva de professores. A loucura da invenção e a lucidez da formação. A lúcida loucura de tentar reunir a formação com a invenção. Rosimeri Dias escreve sobre essa lúcida loucura de forma diáfana quando afirma que uma tal formação inventiva de professores diz respeito a nossa capacidade de lidar com a alteridade e com a diferença e que para pensar uma tal formação perspectivada pela invenção é necessário estar atento aos imprevisíveis que emergem dos encontros, entre universidade e escola básica (DIAS, 2019). É também a nossa aposta no Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (cf. BERLE, 2019). Alteridade, diferença e imprevisibilidade no encontro da universidade e da escola básica. E logo a seguir Rosimeri nos interpela com algumas perguntas que uma escrita atenta e sensível não pode deixar de considerar:

Como não fazer da formação inventiva palavras de ordem? Como não fazer das escritas acadêmicas um juízo? Como não fazer uma perspectiva ética estética política se tornar uma postura moral de administração? Como não perder a dimensão acontecimental de uma formação? (DIAS, 2019: 23)

As perguntas soam. Retumbam, ecoam. Atravessam a nossa escrita nesta época de transições e dobradiças: como não cair na mais conhecida moral da formação ou na mais sedutora, hoje, moral da invenção? Como não fazer da educação uma moral? As perguntas sacodem-me e, então, chamo a senhora em paralelo que está escrevendo comigo. Peço nova ajuda, renovada inspiração para pensar essas perguntas e, juntos, lembramos de um lúcido louco. Lúcido, muito lúcido, talvez por isso foi maltratado pelos seus concidadãos: chamado, pejorativamente, de louco, excêntrico, estrangeiro. Felizmente, a senhora tem boa memória, pois já fazem uns duzentos anos dessa vida. Mas, como diz o músico-poeta, o tempo está a favor dos pequenos, dos nus, dos esquecidos (RODRÍGUEZ, 1984). Conhecemos bem essa história de empequenecimento, destrato e sujeição entre nós. Ela tem muito mais do que duzentos anos. De qualquer forma, a senhora insiste, é preciso escutar essa voz. Talvez seja, a senhora me sussurra bem baixo no ouvido - quase ao ponto em que tenho dificuldades para ouvir propriamente sua voz -, que pode se tratar do primeiro a propor entre nós uma formação inventiva de professores. Caramba. Não posso mesmo não escutar. Imagino, no entanto, o arrepio do

leitor: Duzentos anos em que se fala em formação inventiva de professores? Não haverá ali um zero a mais? Não seriam vinte anos? Pergunto novamente à senhora se tem certeza do que me está pedindo para escrever. A resposta não demora a vir: são mesmo duzentos anos de não escutar a lúcida loucura desta voz rebelde na educação de nossa América...

O lúcido loucoⁱ, alguns leitores (lúcida e loucamente) atentos já devem ter adivinhado, chama-se Simón Rodríguez. O louco é mais conhecido por ter sido o mestre de Simón Bolívar do que pelas suas próprias ideias e práticasⁱⁱ. Foi um mestre errante, criador da primeira escola filosófica popular em nossa América em 1826 (DURÁN; KOHAN, 2018). Rodríguez entende claramente que se trata, entre nós, de cultivar formas de vida boa, do bom viver. Afirma que essas formas precisam ser inventadas e outorga, em diversos textos, um papel principal para isso à educação. Precisamente a respeito da invenção, ensina-nos, num texto que escreve em defesa de Simón Bolívar em 1830, que:

A América está chamada (SE OS QUE A GOVERNAM ENTENDEM) a ser modelo de boa sociedade, sem mais trabalho a adaptar. Tudo está feito (na Europa especialmente). Peguem o que é bom – deixem o que é mau – imitem com juízo – e o que lhes faltar INVENTEM (RODRÍGUEZ, 2016: 19, destaque do autor).

América – como Rodríguez chama a nossa América, a América do Sul – está chamada a ser uma sociedade boa, se os que governam o entendem e se em vez de imitar cegamente, em especial a Europa, se inventa essa boa sociedade. América é terra de invenção e a invenção deve começar pela educação do povo, a educação popular. Por isso, em *Luzes e virtudes sociais*, texto escrito em 1840, afirma que a educação popular é uma educação social e geral, portanto para toda a população. Se não for para todos não é verdadeiramente pública, e “não se generaliza senão o que se estende com arte, para que chegue, sem exceção, a todos os indivíduos de um corpo” (RODRÍGUEZ, 2016: 38). A educação popular deve então ser feita com arte, artisticamente, para todos. Rodríguez parece estar escrevendo para que o leiam os que hoje pretendem educação *on-line* para todos sem oferecer os meios digitais e a conectividade para isso, pois a educação popular estendida com arte a toda a população “será não só fazer com que todos saibam o que se dispõe, mas também proporcionar de forma generalizada meios de fazer efetivo o disposto” (RODRÍGUEZ, 2016: 38). De modo que não há como educar de verdade no momento atual se todos não dispõem dos meios para participar de tal educação. Contudo, não é qualquer educação que interessa, senão uma forma específica que responda aos interesses desta terra. Eis a maneira como o louco lúcido o escreve:

*a INSTRUÇÃO PÚBLICA
no século XIX
pede MUITA FILOSOFIA
que
o INTERESSE GERAL
está clamando por
uma REFORMA e
que
a AMÉRICA está chamada,
pelas circunstâncias, a empreendê-la
atrevido paradoxo parecerá...
...não importa...
os acontecimentos irão provando
que é uma verdade muito óbvia
a América não deve IMITAR servilmente
mas ser ORIGINAL.
(RODRÍGUEZ, 2016: 29. Destaque do autor)*

Rodríguez o diz de muitas formas. A educação popular requer muita filosofia, o que significa que pensar é a forma primeira e principal que afirma essa educação. Antes inclusive que a ler e escrever, é necessário ensinar e aprender a pensar. Nesse mesmo texto de 1840, *Luzes e virtudes sociais*, diz com pristina claridade: “Não será cidadão aquele que no ano tal não saiba ler e escrever (disseram os Congressos da América) está bom; mas não é o bastante; Ideias!, Ideias! primeiro que Letras.” (RODRÍGUEZ, 2016: 39). Rodríguez refere-se a uma disposição dos congressos e afirma que está bem formar nas letras, claro, mas também coloca que as Ideias estão primeiro que as Letras, porque quem aprende a pensar por si mesmo depois pode aprender as letras que bem entender. E é isso que precisamos em América, pensa Simón Rodríguez: aprender a pensar para poder pensar e viver uma boa vida em comum.

Ao mesmo tempo, lemos novamente que América está chamada a uma obra social e política inédita e que essa obra está por ser inventada - ela deve ser original e não produto da imitação servil. É uma verdade muito óbvia e, ao mesmo tempo, um atrevido paradoxo, diz o louco lúcido. Um par de anos mais tarde, em 1842, em *Sociedades americanas*, reafirma enfaticamente essa ideia:

*Onde iremos buscar modelos?...
A América Espanhola é original = ORIGINAIS devem ser suas instituições e seu Governo = e ORIGINAIS os meios de fundar um e outro.
ou Inventamos ou Erramos.*

*COMÉRCIO, COLÔNIAS E CULTOS
não são meios de destruir erros, mas de confirmar os que existem, e de acrescentar outros.*

Erro se toma aqui por tudo o que significa ERRAR =

que é:

-não dar com o ponto

ou com o fim

-não ter lugar fixo

-desviar-se

-vagar

-falso conceito

(RODRÍGUEZ, 2016: 75, destaque do autor)

“Inventamos ou erramos”, afirma o louco lúcido. As três palavras são polissêmicas. ‘Invenção’ tem pelo menos dois sentidos principais. Ela está relacionada ao verbo ‘inventar’, que significa, por um lado, criar, ser original, trazer algo novo ao mundo. Vimos como esse sentido é muito forte nos escritos de Simón Rodríguez. Para o louco lúcido, América é terra de invenção, criação original. Sem dúvida, para ele, inventar em América diz respeito a trazer algo novo ao mundo. Ao mesmo tempo, a palavra ‘inventar’ tem uma etimologia que pode ajudar a potenciar o seu sentido. Etimologicamente, invenção vem do latim *inventus* conformado pelo particípio passivo *ventus* do verbo *venire*, que significa vir. De modo que *ventus* é o que veio, o que chegou. E o prefixo ‘in’ tem como tradução o português “em”, com o significado de “em”, “dentro”. Neste sentido, inventar é etimologicamente “chegar dentro”. Assim, para inventar é preciso abrir as portas da casa para que os que estão fora possam entrar. Inventar uma nova educação requer, dessa forma, a hospitalidade de quem está dentro. A hospitalidade da nova educação precisa ser radical e incondicional. São muitos séculos de exclusão. Não pode haver exigências ou condições. Todos têm que poder se sentir convidados.

Já o dicionário oferece três acepções principais para a disjunção “ou” (FERREIRA, 1999). Ela pode ser uma disjunção alternativa, uma exclusão, no sentido de duas coisas que não podem ser ao mesmo tempo, como por exemplo: “Estou com o vírus ou sem o vírus”. Alguma das duas possibilidades é verdadeira, mas não as duas. Só uma delas. Mas ela também pode significar uma disjunção inclusiva, em que as duas alternativas podem ser verdadeiras, como por exemplo: “estarei em casa descansando ou lendo”. É possível que uma ou as duas alternativas sejam verdadeiras ao mesmo tempo. Finalmente, a disjunção ‘ou’ pode marcar uma equivalência ou um sinônimo, como quando dizemos: “estou em casa ou onde eu moro”. ‘Casa’ ou ‘onde eu moro’ são duas formas de dizer o mesmo.

Finalmente, vemos no texto acima os diversos significados que Simón Rodríguez outorga ao verbo “errar”: a) não dar com o ponto ou com o fim; b) não ter lugar fixo; c) desviar-se; d) vagar; e) falso conceito. Podemos dizer esses sentidos com nossas palavras: não acertar no alvo; manter-se em movimento; afastar-se do caminho; perambular sem antecipar os destinos da viagem; ter um conceito ou ideia equivocada. Alguns podem parecer mais negativos e outros mais afirmativos; em qualquer caso, eles oferecem muitas possibilidades para pensar a relação da errância e da invenção.

De modo que “inventamos ou erramos” tem uma variação quase infinita de possibilidades de significado. A mais habitual seria opor os sentidos de inventar e errar, outorgando um caráter mais afirmativo ao primeiro e mais negativo ao segundo, e ao “ou” um valor de adversativa excludente, entendendo que, se não inventamos no sentido de sermos originais, então equivocamos o alvo ou não damos com o ponto pretendido. Mas, é claro, há muitas outras maneiras de entender essa frase e, por exemplo, a senhora que me manda escrever ao meu lado me sussurra uma outra no ouvido: e se o perambular fosse uma outra forma de dizer a invenção, seja ela entendida como originalidade ou como hospitalidade? E se os sentidos não fossem opostos, mas complementares?

Como temos visto, Rodríguez pensava que “inventamos ou erramos” tem uma dimensão fundamentalmente educativa; portanto, a frase diz respeito também à preparação de educadores. Como entender, então, “inventamos ou erramos” se estivermos pensando na formação de professores? A senhora, cada vez mais inquieta, logo me sussurra no ouvido: e se o que precisamos inventar fosse a própria formação? E se a hospitalidade fosse uma forma da originalidade quando pensamos a formação? E se houver que entender que uma formação inventiva de professores exige a errância, no sentido de um deslocamento do próprio formador e da própria formação para que se torne hospitaleira aos que estão fora? E se a errância fosse uma viagem conjunta de educadores e educandos a partir dos saberes outros e dos outros do saber? E se? E se? E se? A senhora não para de me sugerir perguntas para escrever. Contudo, eu preciso parar, para pensar no que tenho escrito e para terminar. Sinto que já é muita selvageria escrita, muita obstinação. Está na hora, sinto, de deixar de escrever. E o corpo precisa descansar antes de um esforço final.

Inventamos ou erramos: terminar de escrever?

A escrita torna-nos selvagens. Regressamos a uma selvageria antes da vida. E reconhecemo-la sempre, é a das florestas, tão velha como o tempo. A do medo de tudo, distinta e inseparável da própria vida. Ficamos obstinados. Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso sermos mais fortes do que nós para abordarmos a escrita, é preciso ser-se mais forte do que aquilo que se escreve. É uma coisa estranha, sim. Não é apenas a escrita, o escrito, são os gritos dos animais da noite, os vossos e os meus, os dos cães. É a vulgaridade maciça, desesperante, da sociedade. (M. DURAS, 1994: 24).

Tenho respirado. Mais uma vez, Marguerite está cheia de razão (e de loucura), claro. Precisamos da força do corpo para seguir escrevendo. Quem escreve e a senhora que anda ao nosso lado estávamos exaustos (ela acabou de confessar). Muitos gritos de animais, muita vulgaridade maciça, desesperante de nossa sociedade. Poxa, se está desesperadamente vulgar nossa sociedade nestes dias. Que digo vulgar: padecemos um governo autoritário, idiota, irresponsável. Muitas vezes se diz que a história o vai julgar, mas, enquanto a história não o julgar, quem vai recuperar as vidas que perderemos por causa deste infame?

Voltemos ao nosso foco para um esforço final. Precisávamos voltar a respirar para terminarmos a presente escrita em tempos de urgências para uma formação inventiva de professores por vir. Já escrevemos sobre a pandemia e nos perguntamos sobre o depois da pandemia. Estamos ainda no meio dela, mas o grande desafio é o que faremos depois dela. Para onde sairemos de casa?

A senhora que segue ao meu lado parece recuperada. Demasiadamente. Pelos seus gestos, já percebo que devo me preparar para uma escrita feroz. Só copio o que a senhora fala: acaso irás terminar uma escrita sobre a formação inventiva de professores sem citar nosso patrono? Pensei que a coisa estava ficando solene demais, mas as palavras que vieram depois me tranquilizaram. Por que achas que querem expulsar Paulo Freire da educação brasileira? Pela Pedagogia do Oprimido? Pela Pedagogia da Esperança? Pela Pedagogia da Autonomia? Não, por nenhuma dessas. O livro considerado mais perigoso dele é um onde afirma, em conversa com Antonio Faundez, que a coisa mais importante que uma educação não pode deixar de ensinar é a perguntar (FREIRE; FAUNDEZ, 2017). Porque tu sabes, me disse, que toda revolução começa com uma pergunta e que as verdadeiras revoluções vivem das perguntas, são revoluções meninas (FREIRE; FAUNDEZ, 2017). E sabes que, como perguntar é a coisa mais infantil do mundo, então, toda formação não poderia ser uma preparação para abandonar a infância mas, ao contrário, um cuidado da infância, um nutri-la, um fazer dela não apenas uma etapa da

vida, mas um modo de vida em todas as idades. A senhora respira e me dá o tempo suficiente para olhar mais um pouquinho Marguerite Duras:

Um escritor é uma coisa curiosa. É uma contradição e, também, um contra-senso. Escrever também é não falar. É calar. É gritar sem ruído. Um escritor é, muitas vezes, repousante: ouve muito. Não fala muito porque é impossível falar a alguém de um livro que se escreveu e, sobretudo, de um livro que se está a escrever. É impossível. É o oposto do cinema, o oposto do teatro e de outros espetáculos. É o oposto de todas as leituras.

É o mais difícil de tudo. É o pior. Porque um livro é o desconhecido, é a noite, é fechado, é assim. É o livro que avança, que cresce, que avança em direções que julgamos ter explorado, que avança em direção ao seu próprio destino e ao do seu autor, então camuflado pela sua publicação: a sua separação dele, do livro sonhado, como da criança recém-nascida, sempre a mais amada (M. Duras, 1993: 29).

Por isso, a infância – continuou a senhora – é, para Paulo Freire, uma condição para educar, mais do que algo a ser educado (KOHAN, 2019). Também por isso, é preciso manter vivo, em nós, o menino ou a menina que fomos e que não pudemos ser (FREIRE, 2001): manter a criança recém-nascida, o próprio estado de infância, na sua diferença, alteridade, imprevisibilidade. Preciso concluir ou você escreve sozinho? - acrescentou a senhora. As perguntas que seguem, já não sei de qual lúcida loucura vieram. Mas acaso importa? O final, claro, só podia ter forma de perguntas: poderia a formação inventiva de professores ser uma formação infantil? Quem se atreve a pensar e pôr em prática uma formação inventiva infantil de professores?

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Chirimenti*. 17 marzo 2020. In: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti> acesso em 2 de abril de 2020.
- BERLE, Simone. *A infância como caminho de pesquisa*. Rio de Janeiro: NEFI, 2019.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Formação inventiva de professores por entre tessituras ética, estética e política de escritas acadêmicas. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 15, dez. 2019, pp. 01- 26. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/44236/31759> Acesso 20 mai 2020.
- DURÁN, Maximiliano; KOHAN, Walter Omar. *Manifesto por uma escola filosófico popular*. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.
- DURAS, Marguerite. *Escrever*. Lisboa: Difel, 1994
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GUEVARA, Arturo. *Espejo de justicia*. Caracas: Ediciones del Consejo Rector de la Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez, 1977.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire mais do que nunca*. Um biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019

PLATÃO, *Fedro*. Belem: UFPA, 2009.

RODRÍGUEZ, Silvio. El tiempo está a favor de los pequeños. In: *Triptico*. La Habana: 1984.

RODRÍGUEZ, Simón. *Obra Completa*. Tomos I-II. Caracas: Presidencia de la República, 2001a.

_____. *Cartas*. Caracas: Ediciones del Rectorado de la UNISER, 2001b.

_____. *Inventamos ou erramos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Walter Omar Kohan,
Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Pesquisador do CNPq e da FAPERJ
Coordenador do Projeto Capes-Print “Filosofia na infância da vida escolar”.
E-mail: wokohan@gmail.com

ⁱ Louco o chama o General Sucre numa carta a Simón Bolívar: “tem a cabeça de um francês atordoado”; “suas afrancesadas chegam até...” e “descrever todas as loucuras desse senhor teria que ser muito extenso” (GUEVARA, 1977: 245-6). Rodríguez mesmo em carta a Bolívar do 7 de janeiro de 1825 diz se sentir tratado como um louco. (RODRÍGUEZ, 2001b: 141).

ⁱⁱ As ideias de Simón Rodríguez estão publicadas em suas *Obras completas* (RODRÍGUEZ, 2001a). Em português está disponível uma antologia com seus principais textos educacionais, com estudo preliminar e biográfico, em RODRÍGUEZ, 2016.